

Editorial

OPINIÃO

A cara do Brasil pós-carnaval

Os impactos das mudanças climáticas colocaram definitivamente o Brasil no mapa dos desastres, que não são nada naturais, infelizmente, com dezenas de mortos, feridos e milhares de pessoas atingidas e desabrigadas.

Por diversos motivos, infelizmente, os governos, a mídia e a própria sociedade acabam em pouco tempo se esquecendo do ocorrido e a vida segue, até que outra tragédia ocorra. Por vezes, os únicos que ficam, quando todos desaparecem, são os movimentos populares, e uns poucos atores da sociedade civil organizada,

tentando cobrar as promessas do Poder público e tentando não deixar a tragédia cair no esquecimento.

o Brasil tem hoje aproximadamente 14 mil pontos de riscos altíssimos de desastre e 4 milhões de pessoas morando nessas áreas. Em levantamento feito pela reportagem do jornal *O Estado* existem 24 áreas consideradas com risco geológico em Mato Grosso do Sul: são aquelas sujeitas a sofrerem perdas ou danos causados por eventos adversos de natureza geológica.

Mostra que a necessidade de habitação no país é gigantesca. A pandemia,

a miséria e o desemprego empurraram, nestes últimos anos, milhares de pessoas para condições ainda mais precárias de moradia.

No ano de 2019, havia um déficit habitacional de 5,9 milhões de moradias, e depois de mais de dois anos de pandemia este déficit pode ser ainda maior; mais de 1 milhão de pessoas estão ameaçadas de despejo e milhões de famílias vivem em moradias precárias e outras milhares estão em situação de rua. A questão social das cidades, no que diz respeito à moradia e aos impactos ambientais, se tornou ainda

mais complexa e exige atuação rápida e articulada dos governos e dos demais poderes da República. A dificuldade de acesso à terra bem localizada, o preço do aluguel e a baixa renda jogam milhões para sobreviverem em precárias condições de moradias, principalmente em encostas do litoral do Brasil.

Mudanças do clima, desigualdade social e ausência de políticas públicas urbanas permanentes são os principais fatores que causam tragédias recorrentes como esta do litoral norte e sul de São Paulo. É o Brasil mostrando sua cara pós-carnaval.

Heitor Rodrigues Freire

Anestesia mental

Estamos todos vivendo momentos conturbados, no mundo e em nosso país. A energia predominante é a da discórdia. Há um vírus que se propaga pelo éter em todo o nosso planeta: o ódio instalado. Ele está em toda parte, incluindo, naturalmente, o Brasil. O que é profundamente lamentável!

A propósito, outro dia, li numa página da internet um texto de Étienne de la Boétie (filósofo e humanista francês, 1530–1563), que em seu Discurso da Servidão Voluntária identificou com muita precisão o que acontece desde que o mundo é mundo – um sistema que todos os regimes totalitários, de direita ou de esquerda, sem distinção, sempre utilizaram:

“Gostaria de entender, gostaria apenas de entender como é que pode ser que tantos homens, tantas cidades, tantos países suportem, às vezes, uma tirania que tem apenas o poder que eles próprios lhe dão. O que faz com que uma nação trate as outras como escrava e as prive de sua liberdade? Será que não sabem que não é preciso combater essa tirania? Que não é preciso anulá-la, porque ela se anula a si própria. Basta que não se consinta em servi-la. Se nada se dá aos tiranos, se ninguém lhes obedece, sem lutar, sem golpear, eles ficam nus, ficam feridos e não são mais nada, são como o galho que se torna seco quando a raiz não tem nem umidade nem alimento. Decidam não mais servir e estarão livres. Não mais o sustentem e verão como o grande colosso de quem se subtraiu a base pode desmanchar-se com seu próprio peso e desmoronar”.

“Resolvam não servir mais, e serão imediatamente libertados. Não peço que coloquem

as mãos sobre o tirano para derrubá-lo, mas simplesmente que não o apoiem mais; então o observarão, como um grande colosso cujo pedestal foi arrancado, cair de seu próprio peso e quebrar-se em pedaços”.

Aí é que está o problema. A sujeição a essas lideranças extremas impossibilita uma ação libertadora, por causa da grande subordinação aos discursos de ódio, ao poder da propaganda, do medo e da ideologia ao fazer com que as pessoas se conformem com sua própria sujeição. Seria covardia? Talvez. Hábito e tradição? Talvez. Ou então é ilusão ideológica e confusão intelectual. Ou até comodismo.

Murray Rothbard (filósofo e economista americano, 1926–1995) assim escreveu na introdução a uma edição do Discurso da Servidão Voluntária: “O discurso de La Boétie tem uma importância vital para o leitor moderno – uma importância que vai além do puro prazer de ler uma grande e seminal obra sobre filosofia política, ou, para o libertário, de ler o primeiro filósofo político libertário”.

Para La Boétie, o problema que todos os adversários do despotismo encontram de forma particularmente difícil é de estratégia. Diante do poder devastador e aparentemente avassalador do Estado moderno, como se pode criar um mundo livre e diferente? Como é possível ir de um mundo de tirania para um mundo de liberdade? Com sua metodologia abstrata e atemporal, La Boétie oferece perspectivas vitais sobre esse eterno problema.

La Boétie então investiga o mistério que faz com que a pessoas não se recusem a obedecer, sendo óbvio para ele que todos estariam melhor

sem o Estado. Isso o envia numa jornada especulativa para investigar

Segundo La Boétie, o governante cria uma pirâmide ilusória e transfere um pouco do poder para meia dúzia de tenentes, que repetem o processo. Esses subalternos, achando que realmente têm algum poder, submetem aqueles abaixo deles com mão forte. Assim, o Estado submete uns por intermédio dos outros, e dá razão ao adágio que diz ser a lenha rachada com cunhas feitas da mesma lenha. Para ele, ninguém deve trabalhar para o Estado, pois mesmo homens de caráter, com boas intenções, viram instrumentos da tirania e logo experimentaram os efeitos dessa tirania às suas próprias custas.

Constatado, naturalmente, que sem o Estado como entidade organizada e política, não temos como sobreviver. Mas a submissão servil a tudo que emana do poderoso de plantão, ou com mandato, é que não pode permanecer. O que acaba prevalecendo é o interesse de cada um, subjugando um ao outro, envolvendo-o nessa teia interminável que embrulha tudo e todos no mesmo balaio.

Como agir então? Basta não obedecer, diz La Boétie. Como fizeram Sócrates, Gandhi, Luther King, Mandela, cujos exemplos de vida e de coragem, se perpetuam no tempo e no espaço. Ou para levar a um panorama maior, Jesus.

Jesus nos deixou uma lição básica: o amor. A grande maioria do povo ocidental se diz cristão. Mas na realidade, é da boca para fora, porque o que menos se faz é praticar o ensinamento Dele.

Vemos hoje, em nosso país, pessoas inteligentes submetidas a uma influência totalitária, tirânica, despótica, ditatorial, de ambos os es-



Corretor de imóveis e advogado

pectros políticos, submetidas a uma anestesia mental que as aprisiona e conduz de maneira irracional.

As pessoas, por desconhecimento ou por comodidade, deixaram de exercer uma faculdade natural que Deus nos concedeu: o discernimento, que nos leva a questionar o que realmente queremos.

Hoje, muitos estão de cabeça feita e se recusam a, pelo menos, conceder a tudo, o benefício da dúvida. Será que tudo o que a esquerda preconiza é ruim? Será que tudo o que a direita prega, não presta?

Há mais de quatro mil anos, conta-se que Krishna ensinou ao príncipe Arjuna, no livro Baghavad Gitá, a seguir o abençoado e dourado caminho do meio, nem para a esquerda, nem para a direita. Esse ensinamento milenar sintetiza o procedimento que deveria nortear o comportamento de cada um. Naturalmente, coroado com o ensinamento maior, a prática do amor.

É o meu entendimento.

Landes Pereira

O Brasil está de volta

As viagens internacionais de Lula recolocaram o Brasil no panorama internacional, com grande entusiasmo e festa dos países democráticos e amigos. Nos EUA o presidente direcionou a conversa dizendo: “A questão climática, se não tiver uma governança global forte e que tome decisões que todos os países sejam obrigados a cumprir, não vai dar certo”. Joe Biden respondeu: “[O Brasil é um] parceiro natural para enfrentar os desafios atuais, globais e em especial as mudanças climáticas”. Estava selada uma parceria há muito esperada. A partir daí, quatro questões foram colocadas em pauta: combate às desigualdades sociais; proteção ao meio ambiente; defesa da democracia, e solução dos conflitos internacionais.

A guerra Rússia versus Ucrânia, que se expandiu pelo mundo, foi destaque. Lula, ao defender a paz mundial, reprovou a invasão russa e propôs um cessar fogo para uma futura discussão mais ampla. Não defendeu a soberania territorial ucraniana, mantendo uma aparente neutralidade, mesmo afirmando que “quando um não quer dois não brigam”, acenando para o mercado russo, o que não agradou a Otan.

Os analistas internacionais observam que,

quando o assunto se refere à Venezuela, à Cuba e à Nicarágua, a diplomacia brasileira é taxativa quanto à soberania territorial, o mesmo não acontecendo em relação ao Peru, ao Equador e demais vizinhos. O tratamento dado ao Chile, ao Uruguai e à Argentina também é diferenciado, mostrando que há amigos, amigos e amigos, ficando claro que é preciso um ajustamento nas “propostas” diplomáticas, um tanto vagas. Por outro lado, é inconteste, e preocupante, o crescimento da direita na América Latina.

A próxima viagem de Lula será para a China (em março) e depois para a África (em julho), onde ressaltará a importância das alianças comerciais e políticas no Bries. Dilma Rousseff, futura presidente do Novo Banco de Desenvolvimento da instituição, fará parte da delegação. As questões climáticas, de meio ambiente e de investimentos na América Latina estarão em pauta.

Lula deverá comparecer à cúpula da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que acontecerá em São Tomé e Príncipe, na costa africana. Na ocasião deverá visitar Angola e África do Sul, retomando sua estratégia de articulação com o chamado Sul Global. Será uma programação interessante para a diplomacia

brasileira.

Não resta dúvidas que nesses quase dois meses de governo Lula, o Brasil avançou substancialmente em suas diretrizes internas, abrangendo quase todos os campos da política nacional, apesar das concessões em nome da governabilidade. O governo, ao que tudo indica, deverá proceder um alinhamento mais consistente para a política interna, pois é preciso avançar e corrigir algumas falhas decorrentes das necessárias alianças. O caminho está aberto para os ajustamentos, apesar dos interesses dos “aliados” e dos subgrupos do PT.

Algumas questões requerem definição para que não se agravem. O julgamento dos militares que participaram da intentona de 8 de janeiro é uma delas. José Mucio, ministro da Defesa, defende a tese de que os fardados devem ser julgados pela Justiça Militar, enquanto o Ministro Alexandre Moraes, do STF, defende que eles sejam julgados pela Justiça Comum. Lenio Streck, professor de direito constitucional, afirma que esses militares devem ser julgados pela Justiça comum porque “Não se trata de crimes militares, a menos que o militar que os cometeu estivesse em serviço. Nesse caso, res-



Economista, professor titular aposentado da UFMS e membro da UBE-MS

ponderia perante a Justiça Militar”.

Outra questão delicada que requer posicionamento mais claro é o relacionamento do Executivo com o Legislativo. Um exemplo: Arthur Lira prometeu aos novos deputados, para se reeleger presidente, que eles teriam emendas parlamentares, contrariando as normas vigentes. Mandou a conta para o Executivo e Lula abriu mão de R\$ 9.849,9 milhões das inconstitucionais (consequentemente extintas) “emendas do relator”. A “guerra” entre Lula e o BC é uma pendenga fácil de ser equacionada e enquadrada em uma estratégia econômica racional.

Os artigos assinados publicados neste espaço são de responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião do jornal O Estado de Mato Grosso do Sul



“Somos o que fazemos. No dia em que fazemos, realmente existimos; nos outros, apenas duramos.”  
Padre Antônio Vieira

Rua 14 de Julho, 204 - Vila Santa Dorothéia  
Campo Grande - MS - CEP 79004-392 - PABX: (67) 3345-9000

Diretor

Jaime Vallér

Editor-Chefe

Bruno Arce

editor@oestadoms.com.br

Opinião

leitor@oestadoms.com.br

Política

Alberto Gonçalves

politica@oestadoms.com.br

Cidades

Michelly Perez

cidades@oestadoms.com.br

Esportes

Luciano Shakhima

esportes@oestadoms.com.br

Economia e Agronegócios

Izabela Cavalcanti

economia@oestadoms.com.br

Artes e Lazer

arteelazer@oestadoms.com.br

Reportagem

Fotografia

fotografia@oestadoms.com.br

Arte

Wendryk Silva

paginacao@oestadoms.com.br

OPINIÃO DO LEITOR A RESPEITO DA EDIÇÃO DE ONTEM

1 Coletivamente, a manchete de ontem:

“Supermercados viram  
potência econômica  
de Campo Grande”

Foi: 80% muito importante | 5% pouco importante  
10% importante | 5% sem importância

2 Os textos da primeira página continham  
algum exagero em relação às páginas internas?  
0% SIM 100% NÃO

3 Qual foi a notícia mais importante?

“Supermercados viram potência  
econômica de Campo Grande”

4 Dê a sua avaliação à edição de ontem:  
80% ótimo | 20% bom | 0% regular | 0% ruim